

Jorge Enrique de Azevedo Tinoco

Ciência Política I

5 de maio de 2017

Fichamento do texto “Ideologias Políticas”

Texto original por Carlos Eduardo Sell

O texto de Carlos Eduardo Sell vai tratar, como o próprio título indica, das Ideologias políticas. Esse tema é um tema muito rico e que gera longa discussão justamente por sua ampla área de abrangência. O primeiro ponto a ser observado no texto de Sell é a conceituação de ideologia. Segundo o autor, existe, historicamente, duas formas de se ver a ideologia. Seriam a forma positiva de filósofos como Bobbio e a negativa de filósofos como Karl Marx. A ideologia para Bobbio vai ser o conjunto de formulações conjecturais de como a sociedade civil deve ser. Dessa forma, seria correto atrelar diferentes grupos sociais, com diferentes visões de mundo, à diferentes ideologias. Já a ideologia para Karl Marx vai ser vista como um instrumento de dominação da classe dominante sobre a classe dominada. A ideologia para Marx vai ser o aparato de “dominação espiritual” da classe dominante.

O segundo tópico mencionado pelo autor é acerca das concepções ideológicas na primeira modernidade. Sell irá tratar, aqui, da tripartição fundamental dos tipos ideológicos nesse período: as ideologias de esquerda, centro e direita. Estas partes vão encontrar seus maiores expoentes, respectivamente, nas ideologias socialista, social-democrata e liberalista.

O liberalismo tem a minimização do Estado como principal objetivo, tanto no campo social quanto no econômico. Para organizar sua teoria, o liberalismo pode ser dividido em duas correntes complementares: o liberalismo político e o liberalismo econômico. O liberalismo político tinha como principal teórico o inglês John Locke. Esta corrente propôs que o Estado só teria como função a garantia dos direitos fundamentais do homem: a vida, a propriedade e a liberdade. Já o liberalismo econômico tinha como principal teórico o escocês Adam Smith. Smith propunha que o Estado não deveria intrometer-se nos aspectos econômicos. Segundo o autor, o mercado iria se auto-regular por meio da “mão invisível do

Estado”, que seria uma representação das vontades egoístas de cada indivíduo se unindo involuntariamente para promover uma economia próspera.

A maior e mais conhecida crítica feita contra os liberais é a crítica da justiça social. Segundo esta crítica, o liberalismo, por si só, não iria garantir a justiça social. Ou seja, não iria garantir uma existência socialmente digna para todos os indivíduos. Outra crítica que pode ser feita ao liberalismo é a crítica dos filósofos marxistas, onde é visto o liberalismo como um meio da “dominação espiritual” que foi mencionada anteriormente. Sells comenta que, em sua opinião, essa visão do liberalismo como instrumento de dominação é demasiadamente simplista.

O terceiro tópico no texto é a corrente ideológica socialista. O socialismo tem como principal objetivo a superação do sistema capitalista. Para isso, vai estabelecer duas condições sem as quais o socialismo seria impossível: a abolição das classes sociais e a abolição do Estado. Entretanto, entre o período de capitalismo e o período de comunismo, Marx ressalta que deve haver uma fase adaptadora. Essa fase seria a chamada “ditadura revolucionária do proletariado”. Fase esta que serviu de base para que fossem aplicados diversos regimes repressivos ao longo do século XX.

O chamado “modelo soviético” ou “socialismo real” foi o modelo de ditadura proletária que ocorreu ao longo do século XX. Esse regime era estruturado principalmente pela forte repressão a qualquer adversário político do poder vigente, pela propaganda ideológica disseminada em meios de comunicação dominados pelo Estado, a apropriação estatal de todo e qualquer meio de comunicação e pelo partido único. Por conta desta experiência socialista, diversos autores dividem opiniões sobre a validade das experiências socialistas. Alguns autores vão defender que o chamado “socialismo real” se distancia das ideias marxistas ao se desligar da liberdade, outros defendem que esta experiência é a real expressão da “fase de transição”, enquanto outros procuram um meio termo ao defender que mesmo com as falhas, principalmente no período stalinista, é necessário levar em conta os avanços no campo social.

O quarto tópico do texto é a social-democracia. A social-democracia vai concordar com a teoria socialista quando esta diz que o capitalismo possui falhas, mas ao invés de propor uma erradicação do capitalismo, vai propor a intervenção estatal como um meio de chegar a uma sociedade mais justa. O pensamento social-democrata divergia dos socialistas anteriormente mencionados, pois ao contrário deles, os sociais-democratas não queriam uma revolução, mas sim uma reforma gradual que levasse lentamente ao comunismo como primeiramente idealizado.

A proposta principal dos sociais-democratas consistia em romper com o conceito de revolução e apropriação dos meios produtivos como foi feito na experiência socialista soviética, mas em promover uma administração do Estado em função dos trabalhadores, garantindo diversos direitos e ampla proteção social. Esse modelo de Estado recebeu o nome de Estado de Bem-Estar Social, ou *Welfare State*.

Entretanto, ao invés de contribuir para a implantação do socialismo, os sociais-democratas acabaram se desviando ao longo do caminho. Preferiram “domar” o capitalismo a tentar implantar o comunismo como era sua primeira intenção. Com a chamada “crise fiscal” e a evidência ganhada por partidos adeptos ao neoliberalismo, os partidos sociais-democratas se viram obrigados a reestruturar o *Welfare State* aos padrões de globalização atuais.

O último tópico abordado no texto trata da segunda modernidade e da crise das ideologias. Segundo o texto, alguns autores admitem que, na atualidade, as ideologias estão em decadência ou até já estão mortas. Alguns autores chegavam até a dizer que não havia alternativa ao capitalismo e à democracia representativa, sendo estes o ponto final na histórica humana. Bobbio, ao contrário destes autores, vai propor que ainda existem as forças antagônicas nos campos da esquerda e da direita, a única diferença é que estas forças antagônicas não estão presas à delimitação que antes existia.

Por fim, é possível perceber que uma grande diferença das ideologias na segunda modernidade é que, ao contrário das ideologias anteriores, estas não estão presas ao fundamentalismo. Segundo o autor Zelyko Loparic, as ideologias tornam-se potencialmente perigosas a partir do ponto em que supervalorizam princípios e partem para a totalização de algum projeto ideológico. Sendo assim, os projetos ideológicos atuais deveriam tentar se desprender do caráter totalitário e assumir uma postura mais aberta, característica da segunda modernidade.